

## O aparecimento da noite (Desana)

Antes, no início do mundo, não havia noite. Era só dia.



A humanidade ficou cansada de viver sempre de dia. Soube-se então que, lá pelo norte, havia um ser chamado Nami e que, no lugar onde morava, havia dois tempos: dia e noite. Por isso, os Umukomahsã, isto é, os Desana, ficaram observando pelas bandas do norte. A um certo ponto, viram uma nuvem preta que se levantava e desaparecia, levantava e desaparecia, levantava e desaparecia sucessivamente...

Vendo isso, eles disseram para Yeba Goamu, o Criador

- Nós também queremos ter a noite!

- Nós também queremos ter a noite!

- Nós também queremos ter a noite!

- Noite? Então, vamos à casa do dono da noite conversar com ele, ver o que ele diz.

Partiram para fazer um trato com Nami. Caminharam muito até que chegaram na casa do dono da noite. Nami "Noite" era o nome dele. Yeba Goamu entrou pela porta:

- Alô! Ê eeeeeeeeeee.... Sow....

Assim saudou. Ninguém respondeu. Não havia ninguém. A casa estava vazia, sem gente.

Repetiu mais uma vez a palavra:

- Alô!

Ninguém respondeu. Repetiu mais uma vez. Já era a terceira vez. Aí, respondeu uma velha, a mulher de Nami. Ela veio, deu-lhes um lugar para sentar e sumiu outra vez. O velho Nami estava roncando...

Vendo que ele não acordava mesmo, ela esquentou um pedaço de camuti no fogo e colocou o pedaço quente no peito dele, que começou a tossir baixinho e levantou-se da rede. A velha avisou que o seu neto tinha chegado. Ouvindo isso, ele se levantou e veio cumprimentar os visitantes.

Ele era um velho muito feio.

- Esperem aqui ainda, eu vou tomar banho por um momento.

Eles ficaram esperando mesmo. Alguns deles foram atrás de Nami para espia-lo durante o banho. Quando ele chegou na beira do rio, levantou as mãos até a sua cabeça, segurou os cabelos e puxou para cima a sua pele de velho. Por dentro, Nami estava moço. Ele tinha se vestido de velho só para dormir.

Na volta do banho, ele não era mais velho: era moço mesmo. Depois que começaram a conversar, perguntou o motivo de sua visita. Yeba Goamu contou as dificuldades pelas quais a humanidade passava por não haver noite. E contou também que ele vinha pedir-lhe a noite

- A noite traz preguiça!

Yeba Goamu insistiu, chacoalhando o caxixi.

- Eu te darei a noite, meu neto, é bom que tu vieste.

Enquanto conversavam, o sol já estava se pondo. Quando chegou a hora de escurecer, Nami disse para Yeba Goamu:

- Meu neto, tu vieste pedir o meu poder para ter a noite. Por isso, vou mostrar para vocês como desatar o nó de miçangas que prende a Terra e não deixa ela rodar. Fica aqui observando todas as cerimônias que eu vou fazer. Vocês levarão a mala da noite amanhã.

Começou logo a cerimônia. Escutaram um barulho. Era Nami trazendo a grande mala da noite. Lá dentro, ele fez a cerimônia, bateu por cima da mala e cantou

- Titi titi...

Depois, ele empurrou a mala com a ponta do pé, até a porta do quarto. Comeu ipadu e fumou cigarro. O ipadu e o cigarro eram de sono. O sono começou a chegar nos olhos de todos, que já estavam com muita vontade de dormir.

Yeba Goamu era todo enfeitado para olhar as cerimônias. O último irmão de Yebá Goamu amarrou sua rede de dormir num cantinho da parede e ficou também olhando.

- Titi titi, titi titi.

Já eram oito horas da noite. Aí, ninguém mais aguentou. O sono atacou os olhos. Todos, menos um, adormeceram. O chefe também adormeceu. Sentado, ele quebrou o enfeite que havia no seu ombro e foi se deitar na rede junto com os outros, dizendo:

- É verdade, o sono é forte mesmo. Dei um cochilo sem querer.

Só quem ficou olhando foi o seu último irmão. A ele, o sono não atacou.

- É irmão, o ipadu e o cigarro eram de sono. Mas a mim o sono não pegou. Vou ficar acordado até o final.

O único a assistir a todas as cerimônias do início ao fim foi ele.

Nami veio empurrando a mala da noite devagar, até que chegou no forno das grandes malocas.

Parou aí. Bateu três vezes em cima da mala e cantou tres vezes:

-Titi titi, titi titi, titi titi.

Já era meia noite. Continuou a empurrar devagar a mala, até chegar no espaço de dança da casa.

Parou aí. Bateu outra vez e cantou:

- Titi titi. Sirá sirá.

Já eram duas da madrugada. Veio empurrando a mala da noite devagarzinho, até perto da porta.

- Titi titi, sirá sirá, titi titi, sirá sirá.

Noite, noite, noite. Cordas de miçangas dos insetos da noite. Eu desato o nó das cordas, eu tiro as cordas e eu as faço passar para adiante. Noite, noite, noite. Cordas de miçangas cor de carairu.

Eu desato o nó das cordas, eu tiro as cordas e eu as faço passar para adiante. Noite, noite, noite.

Cordas de miçanga cor de tabatinga, cordas de miçangas de cor branca. Eu desato o nó das cordas, eu tiro as cordas, eu corto as cordas e eu as faço passar para adiante.

Ao terminar de cantar, voltou ao seu quarto. A grande mala ficou aí mesmo.

Já eram cinco horas e meia da manhã. Estava amanhecendo. O dono da noite desenfeitou-se dos adornos de sono e voltou para entregar a mala da noite.

- Eis a mala da noite, meu neto. Leva-a até a sua maloca. Quando chegar lá manda preparar caxiri para o dia de dança. Neste dia é que deverás abrir a mala. Não abre a mala fora da lei, porque pode acontecer alguma coisa de ruim. Leva-a com todo cuidado, segundo a minha ordem.

Yeba Goamu respondeu que assim faria. Depois do mingau, saíram levando a grande mala da noite. Mas a mala pesava mesmo. Quando chegaram pela metade do caminho, começaram a falar:

- Esta mala é muito pesada. Vamos abrir só um pouquinho para ver o que há dentro.

- Só um pouquinho?

Depois de conversarem muito, abriram a mala e logo fugiu o japu da noite, o namiumu, que estava dentro da mala. Em seguida, escaparam os grilos da noite. Voaram, causando um grande

espanto. A mala ficou vazia. Aí escureceu mesmo, veio uma chuvarada como nunca. Sem barracões onde se protegerem, molharam-se assim mesmo.

O japu chegou até a casa de Nami e disse:

- Os Umukomahsã estão passando mal porque abriram a mala da noite.

Nami entristeceu-se ao ouvir essa notícia do japu.

Todos queriam fazer como Nami tinha feito, mas nenhum deles sabia as cerimônias e as funções que ele tinha feito durante a noite. Nem mesmo o seu chefe as conhecia, porque também ele ficou dormindo. Experimentaram pronunciar algumas palavras inventadas mas não adiantou nada.

Eram palavras inventadas mesmo.

O irmão caçula, vendo que ninguém sabia as cerimônias que Nami tinha feito, ralhou:

- O que está acontecendo? Mas por que vocês não sabem? Parece que vocês não viram mesmo nada? Estão dizendo umas coisa à toa em cima da mala. É isso! Vocês não viram as cerimônias que Nami fez. Vocês dormiram, não é? E agora, como vamos fazer para separar o dia da noite?

Ele falou palavras muito duras. Depois disso, ele preparou o açoite e começou a fazer como Nami tinha feito. Cantou como o próprio havia cantado. Aí, os grilos da noite responderam. Ele fez as cerimônias, até amanhecer.

- Noite, noite, noite. Cordas de miçangas dos insetos da noite. Eu desato o nó das cordas, eu tiro as cordas e eu as faço passar para adiante. Noite, noite, noite. Cordas de miçangas cor de carairu. Eu desato o nó das cordas, eu tiro as cordas e eu as faço passar para adiante. Noite, noite, noite. Cordas de miçanga cor de tabatinga, cordas de miçangas de cor branca. Eu desato o nó das cordas, eu tiro as cordas, eu corto as cordas e eu as faço passar para adiante.

Depois, os Umukomahsa continuaram a viagem, abandonando a mala. Ela ficou no rio Uapés; pode-se ver, hoje em dia, um caixão de pedra, aberto.

E a noite ficou para sempre.

Fonte: Umusin Palõn Kumu, Tolamã Kenhiri. Antes o mundo não existia: a mitologia heróica dos índios Desãna. São Paulo: Livraria Cultura; 1980.

Versão: Roda de Histórias Indígena